

PRÁTICAS CORPORAIS E PANDEMIA: UMA EXPOSIÇÃO SOBRE O COTIDIANO NAS ORLAS DE PETROLINA-PE E JUAZEIRO-BA¹

Bartolomeu Lins de Barros Júnior,

Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE)

clarolhar@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: práticas corporais; pandemia; cotidiano.

APRESENTAÇÃO

As fotografias deste trabalho são registros de práticas corporais vivenciadas nas orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA durante a pandemia de Covid-19². Ao contrário das orientações protocolares de segurança, o que se vê são jovens usufruindo das opções de lazer no Rio São Francisco. Neste contexto, o que as vivências de práticas corporais em tempos e espaços pandêmicos nos dizem?

A pandemia³ alterou nosso cotidiano. Expressões como “novo normal” têm sido usadas para representar uma realidade marcada pela necessidade de alteração nos hábitos e comportamentos. Exigências como quarentena, *lockdown*, distanciamento social, uso de máscaras, higienização das mãos são técnicas que rearranjam os indivíduos socialmente.

Heller (2008)⁴ diz que a vida cotidiana possui uma estrutura, ou seja, não estamos atuando no tempo e espaço sem qualquer determinação. Como vivemos em uma sociedade que se organiza e se reproduz pelo modo de produção capitalista, nossa cotidianidade é demarcada por essa estrutura.

Na medida em que a pandemia supõe um “novo normal” com uma configuração de tempo e espaço com exigências próprias para conter o vírus, pode ser que nossa análise sobre a realidade sintetize que essas mudanças são autênticas. Mas, fundamentalmente, nada se

¹O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² As imagens foram realizadas em dias de sextas-feiras de 16h às 19h, entre novembro de 2020 e abril de 2021. Foram atendidos os protocolos de segurança indicados pelos órgãos oficiais.

³ A primeira morte registrada por Covid-19 no Brasil foi dia 16 de março de 2020. Em 2 de junho de 2021 já morreram 467.408 pessoas. A maioria destes são pobres e negros, além dos que possuem comorbidades. Informações em <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>.

⁴ HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

altera nas relações de produção que caracteriza o capitalismo. Portanto, as mudanças soam na superficialidade, pois as formas de sociabilidade permanecem as mesmas e as respostas aos problemas advindos dessas formas ficam nos limites do modo de produção.

“A vida cotidiana é a vida de todo homem” (p. 31). Todos os seres, ao nascerem, esbarram em uma materialidade social já dada. É nela que vamos nos ajustar para dar conta das necessidades das esferas orgânica e social. Porém, quando uma pandemia se constitui como ameaça a existência biológica, as atividades humanas que são partes orgânicas da vida cotidiana, como o trabalho, a vida privada, o lazer e a atividade social sistematizada, necessitam que seja alterada sua hierarquia. Mas como o capitalismo determina as relações, essa modificação possui resistência.

As imagens parecem indicar que os problemas impostos pela pandemia, que a nós parecem amplificar os problemas inerentes da sociedade capitalista, são encarados pelos sujeitos, através da mobilização mais imediata de suas potencialidades.

O homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (Ibidem).

Mas Heller diz não ser possível que o ser humano, em respostas aos problemas do cotidiano, possa investir aquelas capacidades em toda sua intensidade. Haverá outros tipos de problemas que exigirão outras mobilizações e prioridades. Portanto, frente à pandemia, é fundamental acertar as escolhas das atividades de respostas (sobrevivência) entre a heterogeneidade que há na vida cotidiana. E neste caso, àquelas atividades cotidianas, próprias dessa forma social capitalista, não perdem o sentido, mas precisam ser apropriadas para oferecer respostas às ameaças a existência orgânica e social.

A autora vai nos dizer “é adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade” (p. 33). Mas os jovens fotografados parecem não assimilar e dominar a manipulação adequada das coisas que são imprescindíveis à vida na cotidianidade. Ou seja, os elementos necessários para garantir que as relações sociais em uma condição de pandemia sejam seguras, carecem dos novos valores derivados dos grupos que estabelecem os costumes, as normas e a ética necessária para o enfrentamento do cotidiano pandêmico.

Bom, o ser humano como indivíduo (singular) é, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Quando busca responder aos problemas no cotidiano, uma situação concreta, este indivíduo vai acionar o patrimônio do gênero para superá-los. No entanto, ao vivenciar a dimensão do lazer para mediar às condições objetivas postas, os jovens atuam em contradição, pois não respondem adequadamente aos riscos de sua existência biológica. E mesmo que assumam respostas aos danos psicológicos e sociais que a pandemia provoca, as suas escolhas expressam um sentido fragmentado, pois a pandemia exige uma adequação à materialidade posta que seja mediada por uma ação social orientada pela experiência da humanidade e suas conquistas científicas em totalidade.

DESCRIÇÃO DAS FOTOGRAFIAS



VIRAL - IMAGEM 01

Grupo de jovens de diferentes bairros periféricos de Petrolina-PE se encontram em período de restrições e decretos para mergulhos com bicicletas no Rio São Francisco.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências



ESPECTRO - IMAGEM 02

Passeios de bicicleta na ciclovia que corta toda orla de Juazeiro-BA. Como se antecipando fantasmas. Significantes do mundo material parecem vagar no cotidiano, mas é tudo concreto e normatizado.



ESFERAS - IMAGEM 03

Jovens jogam futebol de mesa na orla de Juazeiro-BA. Costumes, linguagens e símbolos demarcados no espaço e tempo de riscos ampliados e transitórios da pandemia.



COLAPSO - IMAGEM 04

Jovem mergulha em salto acrobático na orla de Juazeiro-BA. O encontro com a estrutura social, o muro pandêmico a ser transposto parece negado. O rompimento é particular?

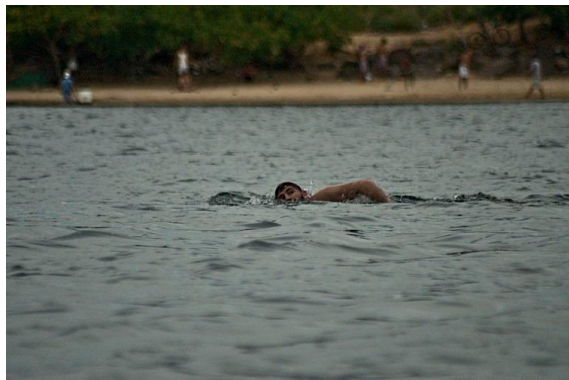




CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

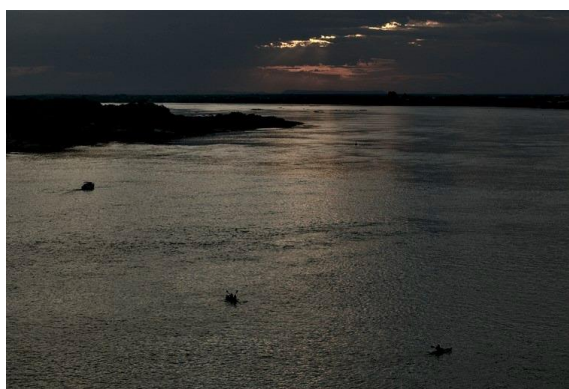
Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências



FOLÊGO - IMAGEM 05

Jovem nadando da orla de Juazeiro-BA para a Ilha do Fogo, onde outros jogam futebol de travinha com saturação acima dos 95% enquanto a cidade está com toque de recolher e *lockdown*.



LOCKDOWN - IMAGEM 06

Jovens passeiam de caiaque no Rio São Francisco entre Juazeiro-BA, a Ilha do Fogo e Petrolina-PE durante o pôr do sol. Um distanciamento antissocial no curso da vida e do rio.

AGRADECIMENTOS:

À Caio Lasalvia de Barros e Cláudio Roberto Angelim pelo suporte, segurança e apoio durante a realização das fotografias.

